

“Encontro dos tambores”: performance ritual e discurso racial¹

José Maria da Silva
Universidade Federal do Amapá

Resumo:

O objetivo deste trabalho é examinar etnograficamente um evento realizado na cidade de Macapá (estado do Amapá), em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, denominado “Encontro dos Tambores”. Busco analisar como se organiza o evento, bem como a performance das apresentações e as letras das músicas. Tendo como instrumento de análise as teorias do ritual e de performance, analiso dois aspectos que se apresentam no evento: por um lado, a ideia de uma confraternização entre as raças, a partir da interação na arena entre os grupos que se apresentam e a platéia; por outro lado, discursos sobre raça e negritude que estruturam as letras das músicas e os discursos das pessoas que se apresentam no palco.

Palavras-chave: tradições afro; performance ritual; discurso racial.

Introdução

Por ocasião das comemorações da Semana da Consciência Negra no Amapá, há dez anos realiza-se um evento denominado “Encontro dos Tambores”, no qual são reunidos grupos urbanos e comunidades rurais que praticam manifestações de origem afro no estado. O encontro se apresenta como um ritual de conagração das tradições culturais e da população negra do estado.

Antes de examinar etnograficamente o encontro dos tambores, pretendo abordar uma questão que se impõe: a questão das tradições e dos discursos difusos sobre a construção de uma identidade dos amapaenses.

Há algum tempo – e que tem sido cada vez mais intensificado nos últimos anos – os amapaenses se debatem sobre as tradições culturais existentes no estado, especialmente tradições praticadas pelas populações negras das áreas urbana e rural, e os contornos de uma identidade amapaense. A separação do estado do Pará, em 1943,

¹ Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal–RN.

com criação do Território Federal do Amapá, fomentou entre os amapaenses uma discussão sobre suas matrizes culturais e o que de fato possibilitaria a expressão de uma identidade local. Tal questionamento se deu, sobretudo, porque muitos aspectos que se praticava e ainda se pratica no Amapá são os mesmos que identificam o Pará – na culinária, na música, na religiosidade, na dança etc. Diante desse dilema algumas perguntas são recorrentes entre os amapaenses, tais como: o Amapá tem cultura? Qual a cultura que substancializa a identidade do Amapá, de maneira a se diferenciar do Pará? Enfim, qual a identidade cultural do estado?

Percebe-se no dia a dia que essas perguntas vêm à tona muitas vezes de forma agonística, tendo em vista que causa um mal-estar a possibilidade do estado não ter uma cultura própria e, por conseguinte, uma identidade. Os questionamentos e discussões sobre a questão da identidade local tornaram-se mais constantes a partir da implantação do estado do Amapá no início dos anos 1990 e o crescimento populacional do estado, especialmente da capital (Macapá), com a entrada de migrantes de todos estados do país e mais acentuadamente do Pará e de alguns estados do Nordeste, com destaque para o estado do Maranhão.

De território federal a estado: o valor da tradição

O Amapá é um dos mais novos estados da federação, pois foi criado com a Constituição de 1988 e implantado efetivamente a partir de 1991. Trata-se de um estado cuja maioria da população é constituída de migrantes. Até o final da década de 1980, boa parte da população migrava para o Amapá era oriunda do estado do Pará – especialmente das ilhas e cidades mais próximas – com um menor índice de imigrantes oriundos dos estados do Nordeste. Com a implantação da estrutura política e administrativa do estado – e uma sistemática oferta de empregos através de concursos públicos – e das áreas de livre comércio de Macapá e Santana houve um acelerado crescimento da migração em direção ao estado, em busca de oportunidades de trabalho. Boa parte dessa migração passou a ser dos estados nordestinos, sendo majoritariamente do Maranhão. Atualmente existem muitos núcleos populacionais distribuídos em diferentes municípios do Amapá, constituídos de pessoas oriundas do Maranhão.

No período de 1950 a 1980, a população do Amapá era constituída basicamente por uma população constituída por negros e brancos, que chegaram em terras amapaenses trazidas pela empresa colonial no período da capitania do Grão-Pará (SALLES, 2004), por paraenses (sobretudo de cidades próximas), e, em menor número,

de nordestinos e orientais, estes oriundos principalmente do Líbano e da Arábia, os quais têm uma atuação destacada como comerciantes. Nesse período, fomentou-se entre a população algumas idéias e valores que supostamente formariam a ideologia do ser amapaense. Os aspectos principais dessa ideologia eram: a vida sossegada em razão do baixo nível de violência na cidade, o reconhecimento e valorização das famílias consideradas tradicionais, a ocupação dos postos do serviço público por “amapaenses” sem competição, tendo em vista que isso se dava através do clientelismo e do apadrinhamento, e uma sociabilidade instaurada pelas relações de parentesco, de vizinhança e de amizade. Identificavam-se facilmente os “verdadeiros” amapaenses pioneiros e aqueles recém-chegados e que se tornavam, com o tempo, também amapaenses. No âmbito da cultura, alguns grupos de negros nas áreas urbana e rural praticavam uma manifestação de matriz afro denominada marabaixo.

A partir da implantação da estrutura do estado a partir de 1991, proporcionou alguns aspectos que alteraram significativamente a sociabilidade na capital amapaense. Os aspectos são: i) uma alta oferta de concursos públicos para preenchimento da estrutura administrativa nos três poderes; ii) a implantação das áreas de livre comércio em Macapá e Santana; iii) um acelerado fluxo migratório para o estado, em decorrência da oferta de trabalhos nos setores público e privado; iv) a criação e implantação de estruturas de ensino superior no estado.

Os fatores descritos acima podem ser considerados os mecanismos de início não apenas de implantação do Amapá como ente federativo, mas também de um processo de modernização do estado – um estado na periferia do capitalismo (ABRANTES, 2014) –, especialmente da cidade de Macapá. Como consequência, alguns pilares do que se considerava como tradição foram abalados, como, por exemplo, as relações de sociabilidades próximas, onde as pessoas em geral se conheciam, a quase ausência de violência e, conseqüentemente, a ideologia da vida sossegada, o apadrinhamento no emprego público. Tudo como consequência do crescimento populacional, por meio do processo migratório intensivo em direção ao estado, com a chegada de pessoas dos mais diferentes estados do país.

Nesse contexto, o amapaense – aquele que se considera o mais genuíno – percebeu essa abertura do estado, em particular da cidade de Macapá, para outras formas de sociabilidades importadas de outros centros urbanos. Mais que isso, o amapaense viu a emergência de uma classe média e de uma parte significativa do que se pode identificar como classe dirigente oriundas de outros estados e, por conseguinte,

vinculados a outros contextos socioculturais. Isto alterou significativamente os ideais de tradições, de identidade e do ser amapaense. Deste modo, os amapaenses passaram a valorizar aspectos culturais que, para eles, significavam não apenas valorizar uma memória da tradição amapaense, assim como estabelecer meios diacríticos de expressão dessa tradição e daquilo que supostamente permitem vislumbrar uma identidade local frente aos de fora. É nesse contexto que passou a valorizar e a expressar algumas manifestações culturais que seriam próprias e especificariam o Amapá, tais como: as famílias consideradas pioneiras, jogadores de um passado de “glória” do futebol, pessoas de destaques nas mais diversas áreas na sociedade local, tais como: médicos, professores, empresários e políticos de atuação destacada do passado, entre outros aspectos. Nessa valorização da tradição, da cultura e da identidade local distinguiram algumas expressões culturais como o marabaixo e a música regional feita por compositores e cantores amapaenses.

Na verdade existem duas manifestações culturais vinculadas às populações negras do estado: o marabaixo e o batuque. São manifestações praticadas em festas religiosas, sendo que ambas são constituídas de música e dança e acompanhadas de instrumentos de percussão feitos de forma artesanal. São práticas culturais de populações de matriz africana, que chegaram na Amazônia no período colonial e particularmente ao Amapá para atender a duas finalidades colocadas pelo governo português: a colonização de uma parte da região e que depois fundaram a cidade de Mazagão (VIDAL, 2008) e para a construção do forte, que depois recebeu o nome de Fortaleza de São José de Macapá. Neste sentido, são manifestações que, tais quais as músicas populares de hoje que têm suas origens na escravidão e na diáspora imposta pelo trabalho escravo (MARTIN, 2009), têm suas origens vinculadas às populações trazidas da África para as Américas.

Ambas as manifestações são praticadas tanto na cidade quanto em comunidades rurais. O marabaixo é praticado por quatro grupos localizados na área urbana de Macapá, em louvo à Santíssima Trindade e ao Divino espírito Santo, e tem sido projetada como a manifestação que mais expressa a identidade amapaense. Por sua vez, o batuque é praticado em comunidades rurais do município de Macapá e de outros municípios, sendo o mais conhecido o batuque realizado por ocasião da festa em homenagem a São Joaquim, no mês de agosto, na comunidade do Curiaú – vilarejo distante cerca de 12km do centro da capital.

No final dos anos 80 o marabaixo começou a ser projetado como atrativo turístico pelo governo do Amapá. Na década seguinte, mais do que um atrativo turístico, o marabaixo foi concebido pelo governo e por uma parte da população como a manifestação cultural mais “autêntica” do estado – a manifestação que efetivamente demarca a identidade do amapaense. Assim, o marabaixo foi alçado à condição de cultura oficial pelo estado e passou a ser praticado por grupos de dança, nas escolas, em apresentações comemorativas e para turistas. Da mesma forma, a música regional passou a incorporar letras de música do marabaixo (denominada de “ladrão”) e aspectos melódicos da mesma, especialmente a percussão dos tambores dessa manifestação.

É, portanto, no contexto de recuperação das tradições e valorização das manifestações das populações negras do estado, como o marabaixo e o batuque, que no final da década 90 criou-se um evento para reunir as comunidades negras das áreas rurais e os grupos urbanos que pratica manifestações de matriz afro – o encontro dos tambores.

A estrutura do “encontro dos tambores”

“Encontro dos Tambores” é um evento realizado na cidade de Macapá, por ocasião das comemorações da semana da consciência negra. O evento é organizado pela União dos Negros do Amapá, em conjunto com as associações e grupos organizados que praticam o marabaixo e o batuque, sob o patrocínio do governo do estado. O “encontro dos tambores” foi criado em 1996 e reúne comunidades rurais e grupos urbanos que praticam as referidas manifestações, as quais se apresentam em um palco para o público.

O local onde os grupos se apresentam fica localizada a sede da União dos Negros do Amapá (UNA). Trata-se de um amplo espaço localizado em um bairro que recebe o nome do personagem de maior expressão da tradição do marabaixo – Julião Ramos –, porém o bairro é mais conhecido como Laguinho. O bairro foi habitado originalmente – e ainda hoje predomina – por negros, por isso recebe o apelido na mídia local de “bairro moreno da cidade”.² Na espacialidade da cidade é considerado um bairro tradicional, onde existem famílias tradicionais ligadas à diferentes modalidades culturais, um clube de futebol, duas escolas de samba e um grupo de marabaixo dos herdeiros de Julião Ramos – conhecidos como família Ramos.

² A expressão “bairro moreno da cidade” deve ser entendida no contexto da ideologia da mestiçagem predominante no Brasil, através da qual se oculta a pureza de raça, no caso, o negro.

A sede da UNA ocupa o espaço de um quarteirão do bairro e foi construída no ano de 1997. Constitui-se de auditório, teatro de arena, escritório, sala para realização de cursos, biblioteca e um local que serve de alojamento, para cultos afros ou como vestiário nos dias de festa. Vez por outra realizam-se no local outros eventos, tais como festas de reggae, de pagode e de outros gêneros de música.

O encontro dos tambores é realizado em Macapá desde 1995. Durante dois anos foi realizado na comunidade do Curiaú e no início congregava os grupos de marabaixo de dois bairros de Macapá e de algumas comunidades rurais. Após dois de realização do evento no Curiaú, os representantes das comunidades rurais questionaram o local e defenderam a sua realização em um lugar neutro na cidade de Macapá. O evento passou a ser realizado na União dos Negros do Amapá (UNA).

Em 2013 foi realizado o 19º encontro dos tambores, o qual contou com a participação de 47 grupos de manifestações de tradição afro do Amapá, oriundos de seis municípios do estado. O evento tem por finalidade comemorar o Dia Nacional da Consciência, sendo que em razão de se realizar durante sete dias, transforma-se na Semana da Consciência Negra.

A programação do encontro dos tambores é constituída dos seguintes aspectos: uma missa de abertura – denominada “missa dos quilombos” –, que contou com a presença de um padre e de sacerdotes de religiões de matriz africana, concursos de beleza negra direcionado a homens e mulheres e apresentações de danças com coreografias que remete a uma tradição de dança identificada como afro, de grupos de capoeira, de artistas regionais e de escolas de samba. Em 2013 o evento foi reforçado com as apresentações de dois grupos de danças da Guiana Francesa e do Olodum (Bahia), o qual fez o show de encerramento do encontro dos tambores.

As apresentações de marabaixo e batuque no encontro dos tambores são feitas por coletivos de indivíduos que se identificam como grupos, comunidades, associações, união, irmandade ou apenas pelo nome do lugar de origem. Assim, têm-se “Grupo da Tia Joaquina” ou “Grupo Raízes do Bolão”; “Comunidade do Rosa” ou “Comunidade de Santa Luzia do Maruanum”; “União Folclórica de Campina Grande”; “Irmandade São José da Pedreira”; “Associação Folclórica Batuque Raízes do Coração” ou “Associação Berço do Marabaixo da Favela”. Os termos que identificam as unidades coletivas de indivíduos de uma determinado lugar, exprimem o caráter de identificação dos mesmos e sua inserção como organização cultural que se apresenta como coletivo

para as instituições públicas que organizam e financiam os eventos públicos e para platéias externas ao lugar de origem.

Outro aspecto a destacar na identificação das organizações que se apresentam no evento é o vínculo a um determinado lugar e que sempre está expresso no nome: “Filhos do Curiaú”, “Raízes do Babá”, “São Pedro dos Bois”, “Comunidade do Goiabal”, “Lagoa dos Índios” etc.

Por outro lado, nos últimos anos têm havido um trabalho de conscientização interna em que cada grupo ou comunidade visando a continuidade de manifestação, por meio do envolvimento das crianças e dos jovens. Esse trabalho, além de objetivar a preservação da atividade cultural (que na maioria das vezes está envolvida em uma manifestação religiosa; uma devoção a algum santo) e da memória dos mais velhos, promove também uma inovação em cada manifestação. Tal inovação se dá ora pelo envolvimento maior de crianças e de mulheres, ora na tradição de composição dos versos das músicas, ora pelo fato de alguns grupos serem conduzidos por mulheres ou por outros aspectos. Com relação à ideia de perpetuação da memória de pessoas (vivas ou falecidas) e que tiveram um engajamento nas práticas do marabaixo e do batuque, alguns grupos foram criados nos últimos anos com os nomes dessas pessoas. Têm-se como exemplos o “Grupo Raízes do Bolão”, a “Associação Folclórica do Pavão” e o “Grupo Cultural Tia Zezinha”.

Como já frisado, a maioria dos grupos desloca-se de alguma localidade do município de Macapá ou de outros municípios e uma parte é originária dos bairros de Macapá. São bairros que possuem uma referência na tradição sobretudo do marabaixo. Cada grupo que se apresenta no encontro dos é constituído dos seguintes elementos: 1- percussionistas ou batedores de caixa; 2- uma ou duas pessoas que cantam (os cantadores); 3- um ou dois porta-bandeira; e 4- um grupo de pessoas que se apresenta dançando.

Performance e discurso racial

A estrutura para a apresentação na sede da União dos negros do Amapá (UNA) é constituída de dois espaços: o palco e a arena. O palco é erguido bem alto e nele se apresentam os tocadores de caixa ou percussionistas e os cantadores. A arena fica na parte de baixo, próximo ao público, e nela se apresentam os que portam a bandeira de identificação do grupo – que pode ser com o nome do grupo ou a imagem e nome de um santo – e os que se apresentam dançando. As letras músicas – no marabaixo são

denominadas de “ladrao”, enquanto no batuque são chamadas de “bandaia” – versam sobre os seguintes temas: i) o cotidiano no meio rural; ii) sobre aspectos religiosos e devoção a determinados santos; iii) sobre pioneiros e a tradição da manifestação; e iv) sobre relações sociais.

A performance dos grupos que se apresentam implica em um entrosamento entre palco e arena, seja do ponto de vista da interpretação das músicas, seja no discurso sobre diversos aspectos proferidos por apresentadores e cantores, seja na dança praticada na arena.

A concepção de performance entendida aqui para efeitos da análise de fenômenos culturais tem seu desenvolvimento, enquanto categoria analítica, na confluência da teoria ritual e da perspectiva da arte teatral, ou seja, o desempenho de papéis, inspirados nos trabalhos de Victor Turner (1982 e 1988) e Richard Schechner (2000). Assim, performance é entendida como a atuação dos atores em ação para execução de determinados fins. Soma-se a essa perspectiva a concepção de ritual em Stanley Tambiah (1985), na qual a análise ritual incorpora as teorias da linguagem como mecanismos de ação social. Deste modo, a análise da performance ritual leva em consideração não apenas o feito como ação, mas também o que é dito de forma contextual. Ainda nesse processo de desenvolvimento teórico, ritual deixa de ser aplicado para análise de fenômenos religiosos – como na tradição durkheimiana – e amplia suas perspectivas, como estratégia de análise, para eventos diversos da sociedade moderna (PEIRANO, 2002; SILVA, 2007).

Para efeitos de análise, distingo duas perspectivas do sentido performático das apresentações dos grupos: a primeira perspectiva se apresenta no nível da linguagem efetuada no palco, especialmente na poética de algumas músicas, na fala das pessoas que apresentam os grupos e daqueles que interpretam as músicas (os cantadores); a segunda perspectiva identifico na prática da dança que se estabelece na arena.

Nas letras de algumas músicas do marabaixo e do batuque, assim como nas falas pronunciadas por pessoas que apresentam os grupos ou pelas pessoas que cantam – algumas vezes são pessoas diferentes nos dois papéis, outras vezes os dois papéis são exercidos pela mesma pessoa – enfatiza-se um discurso sintonizado com os objetivos de comemoração da Semana da Consciência Negra, qual seja: o discurso sobre o passado escravocrata, o sofrimento do negro na senzala e a afirmação de que esse passado faz parte da memória do negro no Brasil, assim como no Amapá.

Após a apresentação de algumas músicas, a pessoa que canta no palco convida o público para dançar na arena e interagir com os componentes do grupo que estão se apresentando. Essa participação do público na apresentação de cada grupo é sempre esperado e nesse sentido já apresenta como algo estrutural no evento. O “encontro” não se dá apenas entre os diversos agrupamentos e populações negras de diversos lugares do estado, mas também entre estas e o público que frequenta a sede da UNA durante a Semana da Consciência Negra. O convite oriundo do palco, por parte de quem está cantando, sela as possibilidades (e objetivos) de promover ideologicamente a integração entre participantes e o público, na perspectiva de conagração entre as raças presentes ao evento.

Durante o “Encontro dos Tambores” um significativo público vai até a UNA para assistir e participar das apresentações dos grupos de marabaixo e batuque. Vale ressaltar que o público é constituído por segmentos negros e não negros da população local. Se por um lado a Semana da Consciência Negra é considerado um evento de afirmação da negritude – um rito de rememoração do passado escravo e de uma história de lutas do negro –; por outro lado, o “Encontro dos Tambores” proporciona, no plano simbólico, a valorização da cultura negra, as possibilidades de integração e confraternização entre pessoas de diferentes raças. Deste modo, em contexto ritual o discurso de afirmação de negritude não impede e não impossibilita os discursos e as ações de integração e convivência entre as raças. O “encontro” é um momento de conagração e ao mesmo tempo de reconhecimento e valorização das manifestações tradicionais da cultura negra no estado.

Referências Bibliográficas

- MARTIN, Denis-Costant. A herança musical da escravidão. *Tempo*, n. 29, p. 15-41.
- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: Peirano, M. *O dito e o feito: Ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 17-40, 2002.
- SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2004.
- SCHECHNER, Richard. *Performance: teoria y prácticas interculturales*. Buenos Aires: Libros del Rojas / Universidad de Buenos Aires, 2000.

SILVA, José Maria. *O espetáculo do boi-bumbá: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins*. Goiânia: Editora UCG, 2007.

TAMBIAH, Stanley. *Culture, thought, and social action*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

TURNER, Victor. *From ritual to theatre*. New York: PAJ Publications, 1982.

TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1988.

VIDAL, Laurent. *Mazagão a cidade que atravessou o Atlântico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.